a desFrutada

edição zero - maio 2023

MANIFESTO

VALORES:

DIVERSIDADE
ANTIPATRIARCADO
ANTIRRACISMO
ANTICAPACITISTA
ANTIFASCISTA
DESFRUTE

a desFrutada

A Desfrutada nasceu da rebeldia . Transgredindo em coletivos, buscou um caminho próprio. Tudo o que tínhamos era uma ideia e inconformidade com a coletividade que não acolhe divergências. Justamente por isso, por pensar numa outra forma de se encarar aquilo que é compartilhado, que coletividade é um valor para A Desfrutada.

Diversidade é poder divergir e conviver. É coexistir com o que é diferente e gostar disso! Só temos a crescer com o que nos difere, só podemos aprender com o que não nos é familiar. Diversidade é mais do que um valor para A Desfrutada, é sua razão de ser.

E para conviver com as diferenças, com diálogo e empatia, é necessário que todas, todes e todos estejam em um espaço seguro e sem preconceitos.

Por isso, a A Desfrutada é um espaço antipatriarcado, pois um sistema opressor não gera diversidade, nem coletividade e muito menos independência. É preciso transgredir o que nos agride.

O desfrute, aproveitando o que temos a oferecer ao mundo, nossa capacidade criativa e expressiva e artística.

Acreditamos que toda pessoa tem potencial expressivo, e nossas páginas são um espaço de publicação para quem já tem livros ou obras expostas tanto quanto para quem escreve ou desenha num guardanapo. Dê-se ao desfrute!

Se ser uma "desfrutável" foi durante décadas o pesadelo de muitas mulheres e a quem caminhava à margem do que é visto como correto pela sociedade. Aqui, quanto mais desfrutável mais Desfrutada. Quem aproveita o que tem para oferecer, quem frutifica.

É preciso frutificar! Para isso, buscar a diversidade, ter um coletivo criativo cada vez menos parecido com a gente e cada vez mais diferente entre si. Buscamos o que nos é diverso e aquilo que nos une.

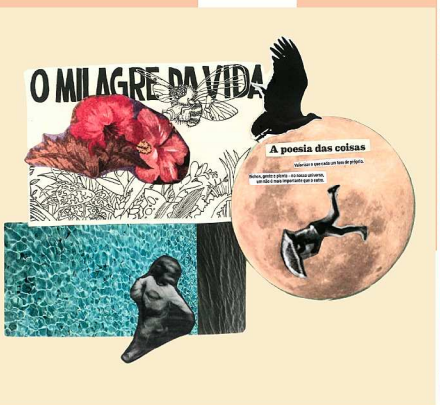
Ser Desfrutada é ser potência contra destruições, desafiar o medo, dar a cara à tapa e ao beijo. Ser Desfrutada é ser diversa, empática, independente pela coletividade e pelo diálogo e antipatriarcado.
a nossa caminhada está apenas começando. Vem com a gente desfrutar e frutificar!

Missão: publicar novas autorias em arte e literatura

Visão: ser um espaço diverso e acolhedor de todas pessoas e expressividades

Índice

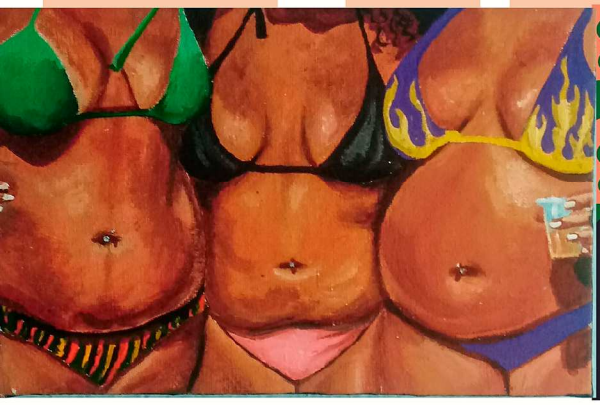
06 10 12 16



07 EDITORIAL
08 VERANICO DE MAIO
11 ... DE FERNANDA SAMPAIO
13 LIBERTE-SE
14 VICIADO EM SUA ADRENALINA
18 AS ESTAÇÕES DA VIDA

SUMÁRIO

20

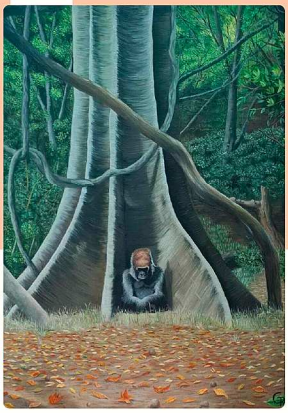


21 ALZIRA

24

26 OUTONO

27



28 RESENHA MUICAL MEIA LUA

+ em todo final de texto ou página você encontra este sinal, que leva diretamente para a bio do artista ou autor

NÃO ESQUEÇA DE SEGUIR E COMPARTILHAR O TRABALHO DAQUELES QUE VOCÊ MAIS GOSTOU! ASSIM VOCÊ ESTARÁ CONTRIBUINDO COM O TRABALHO DELE!

Índice

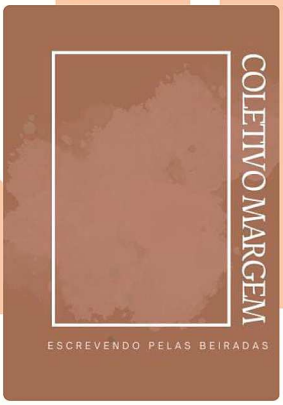
ADESH

quer ter seu texto ou tua arte na revista?

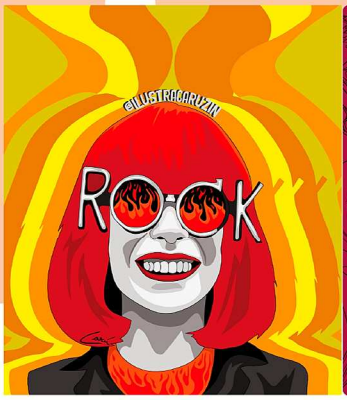
clica AQUI e manda tua obra!

SUMÁRIO

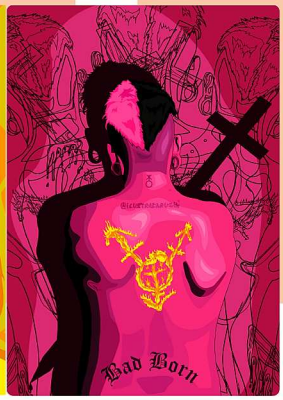
30



46



59



32 SOBRE O COLETIVO

35 ADSTRITA

36 CANTIGAS DE MARÇO

38 RECOMEÇO

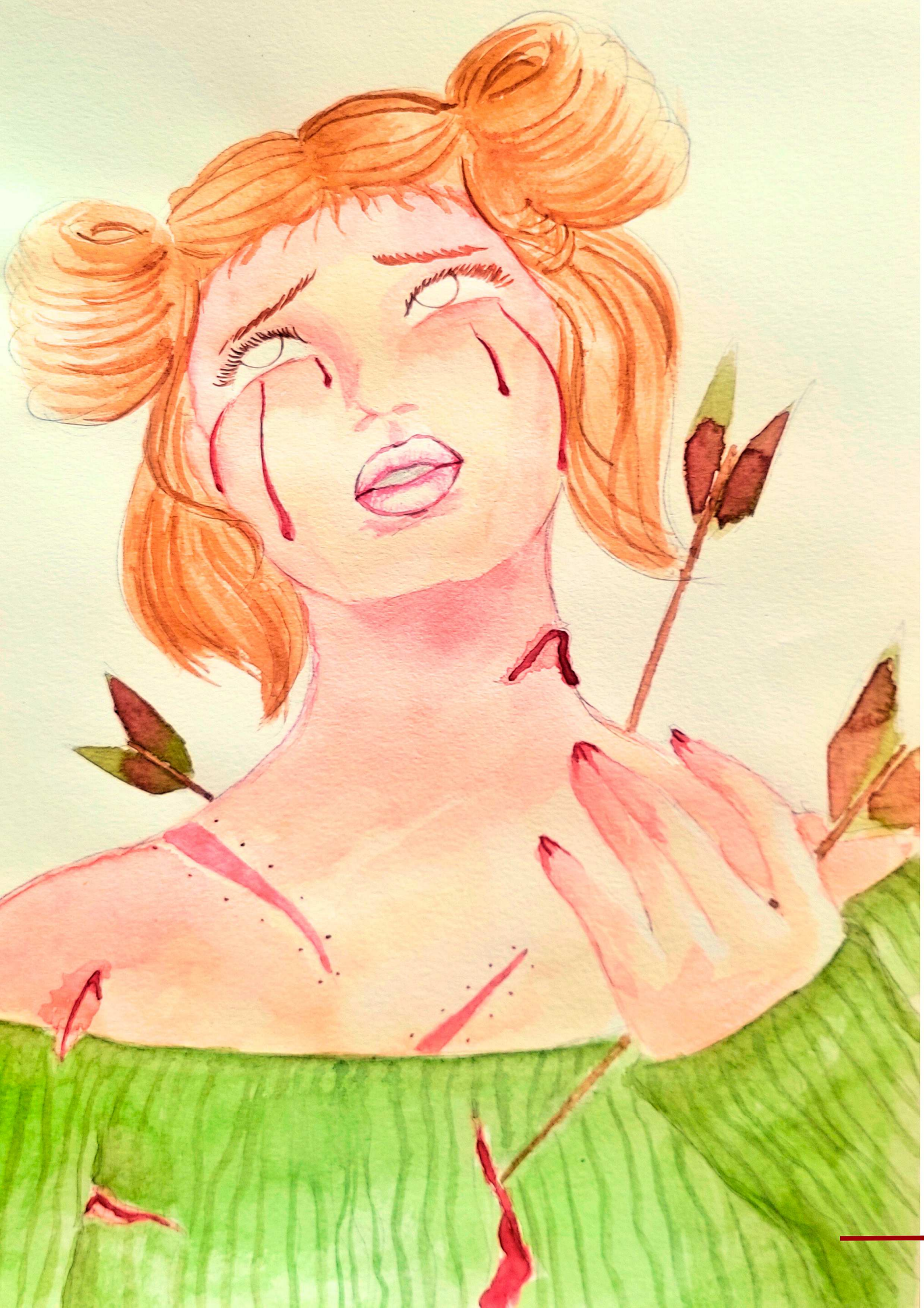
41 POESIA SEM TÍTULO

42 AMOR A 7 PALMOS

47 RITA LEE: MÃE DAS MÃES DESFRUTADAS

48 RESENHA AUDIOVISUAL FILME

50 MEMÓRIAS



EDITORIAL

edição zero

Iniciar uma revista artística foi um desafio. Prazos, divulgação, selecionar obras...e...em meio a tantas outras publicações, entender qual seria o nosso diferencial. Se você está lendo este prefácio, agradecemos por ler A Desfrutada. Esperamos que seja o primeiro de muitos números.

O tema não obrigatório foi outono/elemento terra, mas talvez devêssemos ter iniciado por "A Desfrutada". Bem, no Manifesto A Desfrutada, na página x, você vai entender melhor. A revista se propõe como um espaço coletivo - mas que sabe romper coletivos quando necessário.

Por acreditar na força da união, abriremos a cada edição um espaço para todos grupos literários e artísticos falarem de suas vivências. Nesta primeira revista, apresentamos o Coletivo Margem, que colaborou com cinco textos, que surgiram de uma oficina do coletivo. As autoras e o Coletivo Margem já são parte dessa história que se constrói.

Ser Desfrutada é abrir espaço mas também fazer um local de acolhimento. Claro que, pelo nome, já se vê que temos foco em quem se identifica no feminino ou distante do binarismo de gênero. Nesta edição, tivemos textos de homens, que são bem vindos, pois nosso foco é ser um espaço seguro e aberto para todas, todos e todes. Que podem ocupar outros espaços, mas tenham a certeza: A Desfrutada é um lugar destinado à livre expressão.

Há quem diga que ações afirmativas não são necessárias. No entanto, elas pretendem corrigir distorções causadas pelo preconceito e pela discriminação. Cada vez mais se chama atenção a racismo, misoginia, homofobia, transfobia, capacitismo, etarismo...Será que, além de não reproduzir essas discriminações, o que é básico, temos espaços que acolham e respeitem a diferença?

Como faremos para A Desfrutada ser o seu lugar?

Há muitas perguntas e vontades. Seja você quem for, aqui é seu espaço. Tome conta, fale, divirja, construa.

Luisa Crepaldi

veranico de maio — Luan Michetti

por entre os bordos do outono
pedia o buxixo: 'morre comigo!'
Anna Akhmatova[1]

Meti a mão no barro, ralei os redondos dos dedos

Não é que eu descubro que o problema da calha era um punhado de terra? A parede toda apodrecendo, não como naquele da Virgínia, mas numa mancha com motivos. Meti a mão no barro, ralei os redondos dos dedos, veio a palma cheia. E como me parecia argila, tirando os cascalhos, fiz um cinzeiro. Secou craqueando, muita areia, dei às plantas. Agora quando chove tudo flui, não vou guardar águas nenhumas.

O verão veio terminando desse jeito pra mim, minha amiga. Unhas sujas, borrifadores com cloro, a esperança outonal de que nunca mais o mundo sequer se nuble. Mas sei que lá pra Agosto já vou ficar todo dia pesquisando 'weather' na esperança parca de um tiquito de chuva, avançando semanas, acreditando, coisa de fé, em quaisquer porcentos precipitáveis.

Ando cansado — e o que é mais cansativo que falar isso? — de ficar online, cansado das nossas microempresas de análise de mídia e nossa militância pareada a signos reproduzíveis — o que vem a ser um 'registro sensível'? —, frases de efeito e corporate memphis. Parece que a gente não cresce, parece que a coisa tá estruturada pra isso. Imagina o prompt que nossa amiga usou pro stable diffusion devolver essa arte dela em que os afros armados eram nuvens.Cansado demais de não compartilhar, tentei, da felicidade fácil dessa caralhada agora de poesia sentimental e barras que quando eram os franzinos de boina fazendo ninguém aplaudia. Ando vagando espaços.

E dessa antipatia — mesmo legítima, se for — fica só esse sabor agridoce e saburrento nos espaços entre os dentes onde a escovação irregular, com pouca pasta e pouca água, não consegue dispersar. Peguei a mania dos fios dentais só agora nos meus vinte-e-quatro, toda refeição, quando nem os dentistas.

Sim, crise, dois meses já, o resto é rodeio. Esse já é o terceiro mês que as contas não fecham, a dívida já na casa do quarto dígito, e o quarto, também, mês em que procuro emprego não ironicamente e não acho. E o quinto em que esse governo Lula não me chega nunca. Não, outro dia, sim, aquele post que eu te mandei, já não lembro. Tenho escrito como se no corredor na morte e é possível que sim, mesmo. Tenho cavucado coisas demais e não tem planta nenhuma aqui em casa que precise de mais substrato. Tenho plantas demais, aliás. Elemento-do-signo enquanto argumento já não segura toda essa acumulação, tudo abarrotado e eu às bordas-de. Saturei as suculentas, matei as orquídeas de sede, desculpa, e as ervas e aranhas que de tudo isso foram as coisas que vingaram, cuido como um plano C.

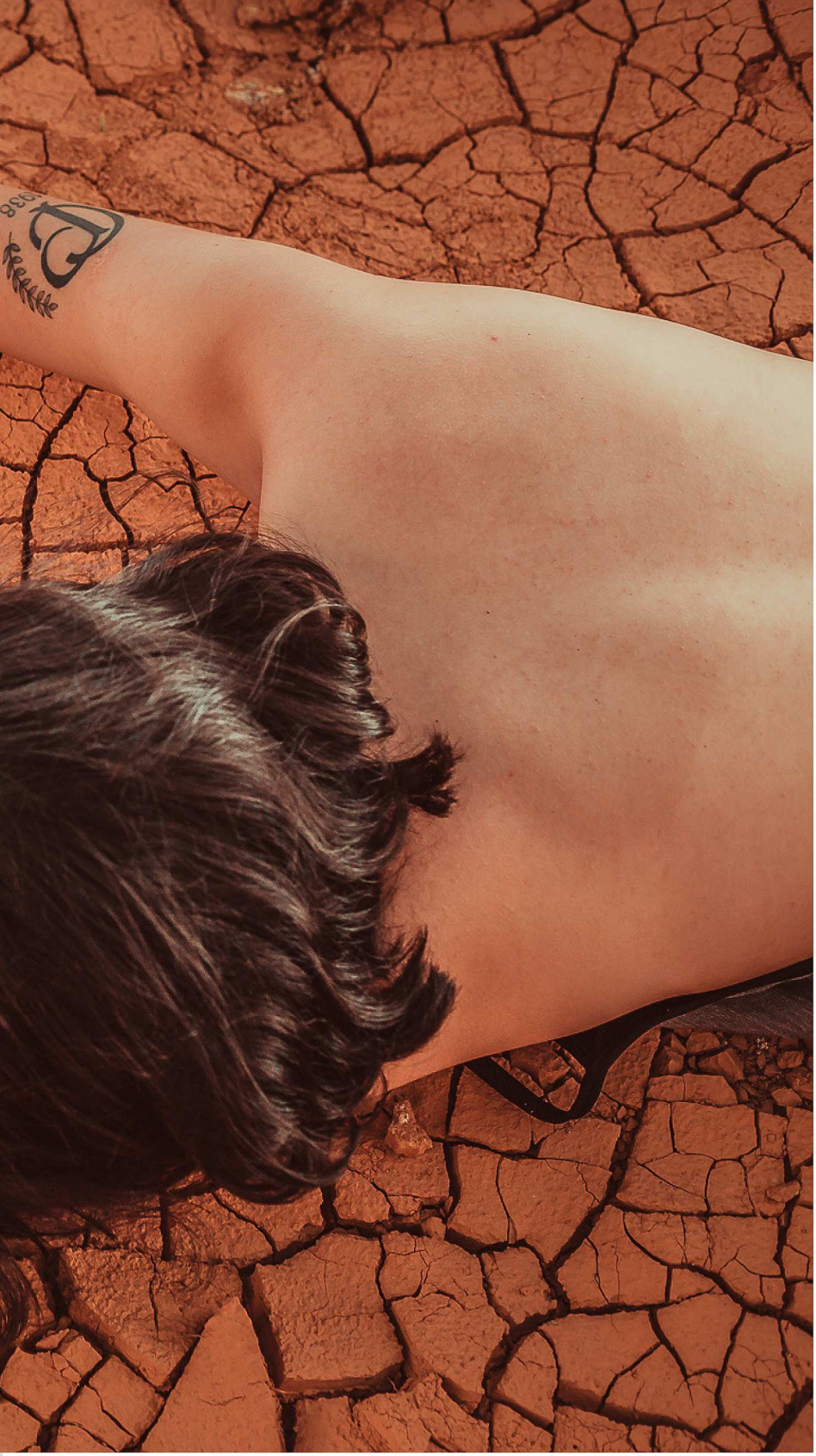
Em anexo uma playlist só com tofusmell, Haley Heynderickx, Satya, Sarah Kinsley, Lolmelda, Liniker, Hand Habits e Rozie Ramati. É a vibe. De folhas caídas — pra ambience, não tem quem nos pegue desprevenidos — temos as cinzas da queima da cana. É a época. Nada insubstituível.

Mas tá ótimo, família tá ótima, vou, mando sim, manda um beijo também pra, isso, faz tempo mesmo, vi sim, então tá, beijos, viu, se cuida, opa, pó deixar, aqui tá só chazinho e autocuidado, tão-tá-bom, tá, sem problemas, beijos, tchau.

Luan Michetti

[1] do poema Песня последней встречи, tradução do autor.

Corpo-Território



Corpo-território de Natalia Nogueira- Projeto Nativa

...de Fernanda Sampaio

I.
(para thais)
nunca conheci uma pessoa
morta em dias de sol
os meus mortos vão
sempre com a chuva
os meus mortos fazem
a chuva cair por dias
os meus mortos partem
molhando a terra inteira

ao final de todas as tardes
os meus mortos acendem
uma fogueira e riem, riem,
riem de nós, que estamos
vivos.

II.
a água cobre a terra
a ponte transpassa o lago
a ponte só é perpassada
por você uma única vez
da mesma maneira –

somente
o tempo necessário.

Lado
Sombra

Liberte-se — Cris Vieira

botox
ácido hialurônico
academia
come isso
não coma aquilo
rugas na cara

xerox
todo mundo igual
pilates/ corrida
bebe isso
não bebe aquilo
celulite na bunda

detox
gente sem graça
spinner
multivitamínico
pinta o cabelo
pinta a cara
estrias na barriga

Relax...

Ler um livro
cantar a plenos pulmões
fazer um poema
pisar a grama
fumar um cigarro
chorar de tanto rir
gargalhar
chorar de tristeza

usar roupas confortáveis
beijar na boca
e deixar pra trás a escravidão

respirar aliviado... se saber humano,
limitado,
frágil, ainda que forte e,
pela graça dos Orixás,

Brasileiro.

Fotografia "Lado Sombra"
de **Mandi Moreira**

VICIADO EM SUA ADRENALINA—

Lidiana Neves

Presa em seu mundo
Sobrevivendo em sombras
viciantes toxinas
Para uma alma vazia
Parasita...

Fútil,vã, tola...
Substituída
Sem valor
Era o que ele dizia

Ah uso como fantoche
Mas o que acontece, ela é forte,
Ela é bela, ela é ela
Sua própria luz, um cometa
Um raio, um trovão, seu próprio barulho
Seu chão!

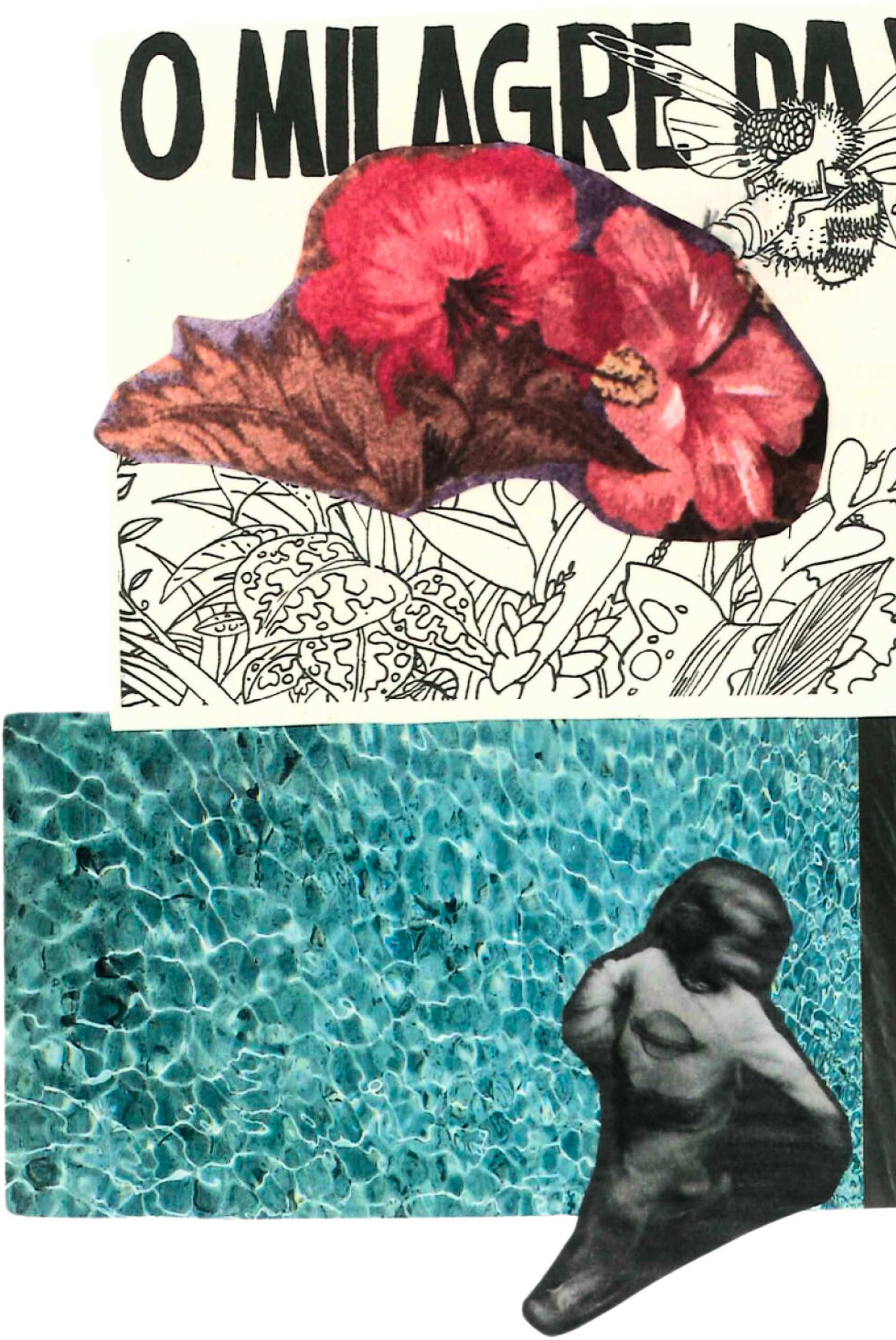
Digo a ela
Digo a ela
Digo a ela

Neste paradoxo, tentei ser escritor da história dela
Ah uso
Ah brinco
Grito com seu sorriso

Por que na verdade o que tenho
É nada
Sou doente, sociopata
Parasita...
Dreno sua alma
Dito a dança e todos os passos dela!

Na verdade, tenho medo que ela
Seja ela, porque preciso dela e
Ela não precisa
Não precisa
Não precisa viver nas sombras

Ela brilha, ela é luz
Ela é ela
Contadora da sua própria Ventura!


O MILAGRE DA

VIDA
A poesia das coisas
Valorizar o que cada um tem de próprio.
Bichos, gente e planta - no nosso universo,
um não é mais importante que o outro.

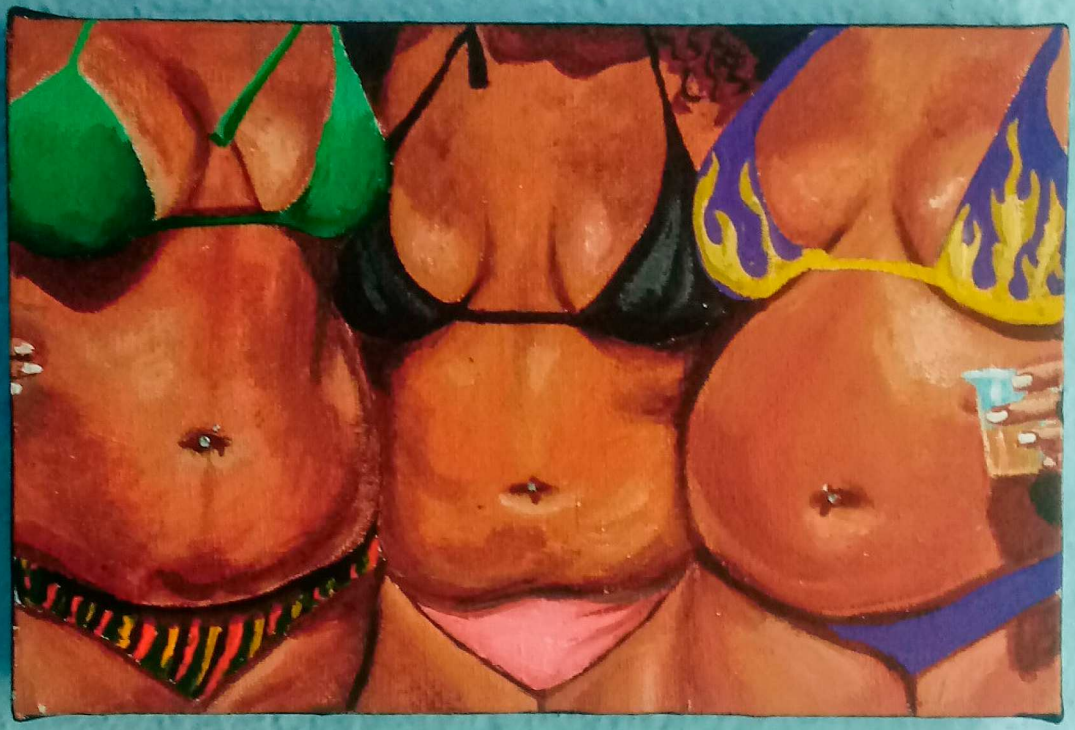
Fotocolagem página anterior "O milagre da vida" de
Fernanda Sampaio

POESIA

As estações da vida

Neila Reis

O farfalhar dos cabelos brancos ao vento,
Prelúdio de um ar gélido que se anuncia,
Recheando de saudades o pensamento,
Enchendo o peito de uma triste agonia.
O fruto semeado na terra... germinou.
Por horas foi doce,
Por horas foi ácido,
Mas, por fim, secou.
O que foi arduamente plantado,
Com o seu tempo, foi deveras colhido.
Nem tudo foi como imaginado.
Mas a seu modo, foi plenamente vivido.
Na mesa jaz uma cornucópia vazia
De alma sedenta, contorcida em agonia.
Paleta desbotando seu verdor,
Boca murcha e desejosa,
Beijo perdendo o frescor.
Mas em teu âmago conhece a roda do mundo,
Sabe que após o inverno frio e rigoroso,
O fruto da terra se torna mais fecundo.
E novo ciclo se inicia, ainda mais vigoroso,
E a vida, refloresce,
O céu se enche de esperança,
E dentro do peito, uma flor de sonho...aparece.
Espera no verão voltar a ser criança.



CORPOS PRETOS & REAIS

Alzira — Rosane Arminda Pereira

Esta é a história de Alzira, nascida na Bahia.
Mãe de três, destes, uma era menina.
Rosane era seu nome...
Porém, falasse da mãe. Não da filha!
Assim, nascida de oito irmãos.
Com sua vó foi morar.
Sua mãe era Arminda,
Nem todos os filhos, podia criar.

Não ficou triste na condição de filha.
Pois sua vó era muito boa e podia confiar.
Ficou triste, pois aos treze,
Teria que ser esposa, mesmo sem do marido gostar.
Seu registro teve que alterar.
Porque menor, aos treze, não poderia casar.
O mês e dia de nascimento, foi mudado,
Para ninguém desconfiar.

Se com treze era criança,
Com quinze já tinha que cozinhar.
Deste dia então de boneca...
Alzira não podia, mais brincar.
Saiu correndo pela casa!
Que com seu marido, iria habitar.
Mas foi pega na esquina,
E de seu pai teve que apanhar.
Seu sonho era um dia
Na escola poder entrar.

Pintura
"A beleza e potência de corpos pretos e reais"
de **Íris Bernardino**

CONTINUA->

Nada de escola!
Mulher não nasceu, para estudar.
Se, três filhos deu a vida,
Um teve que enterrar.
Filho saudável tem comida na mesa.
Mas desta verdade, não pode recordar.
Já de desgosto, então na Bahia,
Não quis mais ficar.
Foi com o marido, levando o que não tinha.
Para interior do Paraná, outra realidade enfrentar.
Lá pode construir novos planos,
E então voltar a lutar.
Mas não era lá sua vida,
Para Curitiba teve que mudar.

Assim contando fica estranho,
Então me apresso em explicar
Fugiu depois de uma crise
Para dos agiotas se livrar.
Mas, quando tudo parece estragado,
Um dia Deus pode ajudar.
Seus joelhos eram marcados, de esperança.
Então, para Ele fazia a rezar.

Acreditava tanto na vida, que sempre dizia:
Deus, tudo certo vai dar!
Um dia foi pega em sua teimosia.
E a casa própria, Alzira pôde comprar.
Fez com fé, um jogo na loteria.
Adivinha? Deu no milhar!

Sua filha menina tinha seis meses.
Desta história, só ela pode contar.
Vida diferente de seus outros irmãos.
Pôde estudar, pode brincar, pode sonhar, pode trabalhar
Mas nunca esqueceu daquela sua mãe,
Que foi seu maior exemplar.

Um dia, Alzira foi embora...
Embora do lugar que queria conquistar.
Deixou muita saudade.
Eita Negra boa! Com suas palavras sabia cativar.
Diz que vó, mãe e filha são as mesmas
No rosto e no olhar.
Alzira deu nome à filha Rosane Arminda Pereira
Para sua mãe homenagear
Alzira era minha mãe,
E dela só tenho que me orgulhar.

Alzira Mãe

Arte próxima página
Replantar" de **Elis Lima**

TER
RA

Outono—
Ybeane Moreira

Folhas trazidas pelo vento
Folhas secas...
Um dia foram verdes viçosas
Sinal de renovação das árvores
Outono mestre na arte de renovar
Tem um vento todo particular
Frio com prenúncio de inverno
Sol ameno com toque de brilho
Cumplicidade com as estações
Empatia!
Trazendo seus dias...
Tencionando que possamos
Evoluir e adaptar a cada estação!

Ybeane Moreira

Gabrielly Paz

GRP

Resenha desfrutada

Por Ju Lopse

Artista: Meia Lua

Como estreia da resenha dA Desfrutada, apresento uma autêntica artista que se dá ao desfrute, de maneira irreverente, crítica e bebendo das melhores referências do samba e da música popular brasileira. Essa é a cantora, compositora, percussionista e musicista Meia Lua. Nascida em Cianorte, interior do Paraná, Meia Lua é, ao mesmo tempo, uma veterana da cena curitibana e uma novidade. Após décadas de atuação na capoeira e na educação musical, grupos como Baque Mulher e Maria Navalha, além de ser presença constante no tradicional Samba do Compositor, somente em 2022 lançou seu primeiro single, "Ausência", que pode ser conferido nas plataformas de streaming.

.

Mas há outras formas de conhecer o trabalho da artista, como no seu canal @MeiaLuaCantoraCompositora, com vídeos de releituras de clássicos da MPB e de suas composições, em que a cantora é acompanhada por violão ou somente pelo pandeiro. Suas performances são cheias de visceralidade e humor. Como se pode ver no show "Simetria", feito durante a pandemia do COVID 19, com covers e canções autorais, como a citada "Ausência" e "Melodia Ritmada, Quase Poetizada". Entre as músicas, se intercalam falas de Meia Lua, que compartilha histórias e observações bem humoradas, como quando cachorros latem ao fundo, compondo uma paisagem sonora inesperada.

Arte capa: Paes Design capa: Nina Zambiassi

Além do canal oficial da artista, é possível encontrar parte de sua obra autoral no canal do Projeto Brasis, do Teatro Paiol, da capital paranaense. Gravado em 2020, o show conta com acompanhamento de dois musicistas, que se revezam entre violão, cavaquinho e bandolim. Na apresentação, algumas de suas composições. Destaque para "Brucutu", um sarcástico olhar sobre as mazelas contemporâneas. Se nas palavras da compositora “ela não é evoluída”, então podemos afirmar o mesmo, pois a obra de Meia Lua é um olhar atual sobre a vida nas grandes cidades brasileiras, com humor e uma incansável esperança em dias melhores.

Quer ver sua resenha n'A Destrutada? Envie pelo nosso formulário seu texto sobre um livro, uma banda ou disco, um filme, uma peça, um quadrinho...

Ouça Meia Lua no Spotiify:

ju Lopse

coletivo

COLETIVO MARGEM

ESCREVENDO PELAS BEIRADAS

sobre o coletivo

Escrevendo pelas beiradas — Anna Carolina Ribeiro

O Coletivo Margem é um grupo que surgiu com o intuito de reunir escritores que se localizam à margem da sociedade: mulheres, LGBT+, pessoas racializadas, neurodiversas e PCD.

As atividade presenciais se baseiam em São João del Rei, cidade no interior de Minas que o grande mercado editorial não alcança com suas ramificações, mas que ainda assim abriga muita cultura. Além de uma tradição de eventos culturais voltados para a religiosidade, a cidade histórica abriga o Inverno Cultural, festival já tradicional organizado pela Universidade Federal de São João del Rei.

O evento inspira ainda outras manifestações que levam cultura e lazer para as ruas e espaços públicos de toda a região a uma cidade com tradições populares já bastante difundidas, marcantes e únicas. A cidade já chegou a ser eleita a Capital Nacional da Cultura, em 2007, e possui uma biblioteca municipal antiga e academia de letras, mas talvez justamente por ser tão ligada a uma tradição mais antiga, acaba deixando de lado algumas expressões culturais à margem.

Apesar de já ter sido sede da Felit (Feira Literária de São João del Rei, Tiradentes e Santa Cruz de Minas) em ocasião da pandemia de COVID iniciada em 2020, o evento foi adiado até que ele aparentemente se desarticulou. Com o hiato sem previsão de fim, nos anos que se sucederam, houve um vácuo de atenção à literatura na localidade. Como muitos movimentos passaram a se organizar através da internet, o Coletivo Margem surgiu se beneficiando dessa tecnologia que permite que a troca entre escritores independentes se fortaleça para além das fronteiras da cidade, mas sem deixar de contemplar a região onde se originou.

O grupo se firma virtualmente: a comunicação e a maioria das atividades são promovidas no ambiente virtual, permitindo que não só a escrita seja fortalecida com nossas atividades, mas também a divulgação do trabalho destes aspirantes a escritores e escritores experientes independentes. Além da troca de vivências, desafios literários e oficinas organizadas pelos próprios integrantes são promovidas regularmente. O trabalho também é compartilhado, ainda que sob coordenação da idealizadora, a escritora Anna Carolina Ribeiro.

Um diferencial do grupo é que além do trabalho interno visando ampliar as possibilidades de expressão artística através da escrita, existe uma preocupação em divulgar os escritores na página de instagram do Coletivo (@coletivo.margem), onde também é feito o trabalho de promoção da literatura independente e marginal. Com o mesmo objetivo, foi criado o blog que funciona também como newsletter (um serviço no qual os leitores podem assinar gratuitamente a publicação e receber as postagens via e-mail). O blog Escrevendo pelas beiradas (escrevendopelasbeiradas.substack.com) divulga alguns dos trabalhos surgidos a partir das oficinas e propostas de escrita realizadas internamente.

Apesar de recente, o Coletivo Margem é aberto a criar parcerias com revistas como A desfrutada, outros coletivos e editoras. "Para que não tenhamos nossas mãos criando em conjunto literatura a partir da margem. Nós queremos também que os nossos rabiscos nas margens das páginas sejam lidos e apreciados - tem muita coisa boa sendo escrita e que não recebe atenção dos grandes mercados tradicionais da literatura." Afirma Anna Carolina.

Organizado no fim de 2022, as atividades começaram a de fato acontecer a partir de janeiro de 2023 e desde então já promovem mudança na perspectiva de integrantes. "

Estou muito feliz de participar do Coletivo Margem! As oficinas são prazerosas e me sinto capaz de realizá-las. Nossas atividades têm me estimulado a me expressar e mostrado como fazê-lo através da arte."

É assim que o coletivo tem estimulado participantes a contar suas histórias e registrar suas poesias com um lema em mente: Escrever.

Fique atente às chamadas a novos integrantes no Instagram do coletivo @coletivo.margem

Nas próximas páginas, as obras das autorias selecionadas na oficina do Coletivo Margem

coletivo margem

Adstrita — Maria Gabriela Cardoso

sou fragmentos de rochas
poeira rasteira sob teus pés pesados
te devoro debaixo das folhas mortas de outono
que caem em meu corpo pouco a pouco
até no inverno
sem precisar, sem indicar a estação mais propícia
e menos violenta
sou breve e passageira
não me demoro
te tenho por frestas e poros
não te nego abrigo,
mas não se apegue às minhas pontas
que servirão apenas para esfoliar suas partes mortas
enquanto estarei voando invisível
rumo a algum hemisfério
sem ti, sem mim
no acaso do vácuo
esfarelo pelos teus dedos
sujo tuas roupas, tua casa, tua mente
com um chute certeiro ao entrar
poetizar é preciso
poetizar é dar ouvidos
quando a poesia diz quando se deve parar.

Cantigas de março — Nayara Oliveira

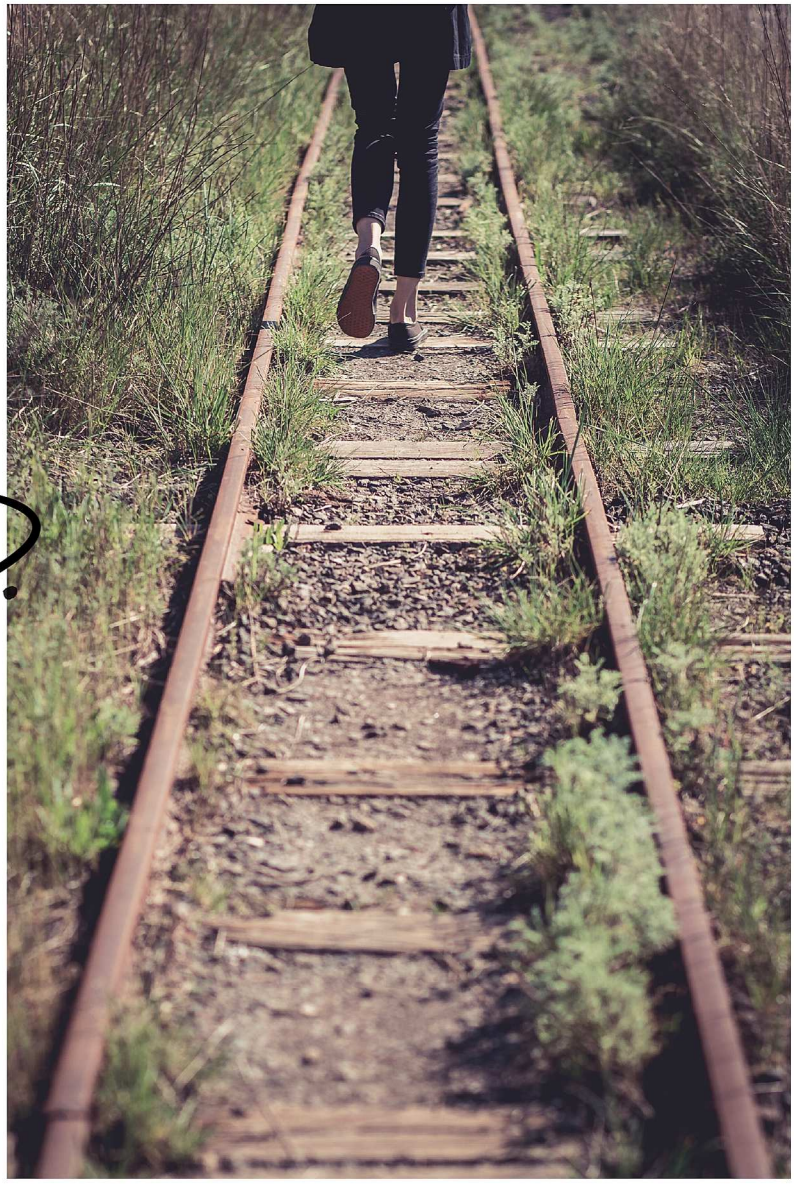
A casa, de Adobe
Beirando a estrada
Corria num remendo de finos ajeitos
Boa luz peneirando os cômodos
O chão batido de terra
Esculpindo os homens
Entalhe feito na pele
Curtido de choro.
Na varanda, cantorias
Lá fora, o vento assobia apelos de março
Farfalha a saia das mulheres
Cobra indulgências
Desde as folhas nas árvores até o sopro que corteja adiante.

é pau,
é o fim

São as águas de março, fechando o verão

é a promessa de vida no teu coração

é pedra, do caminho...



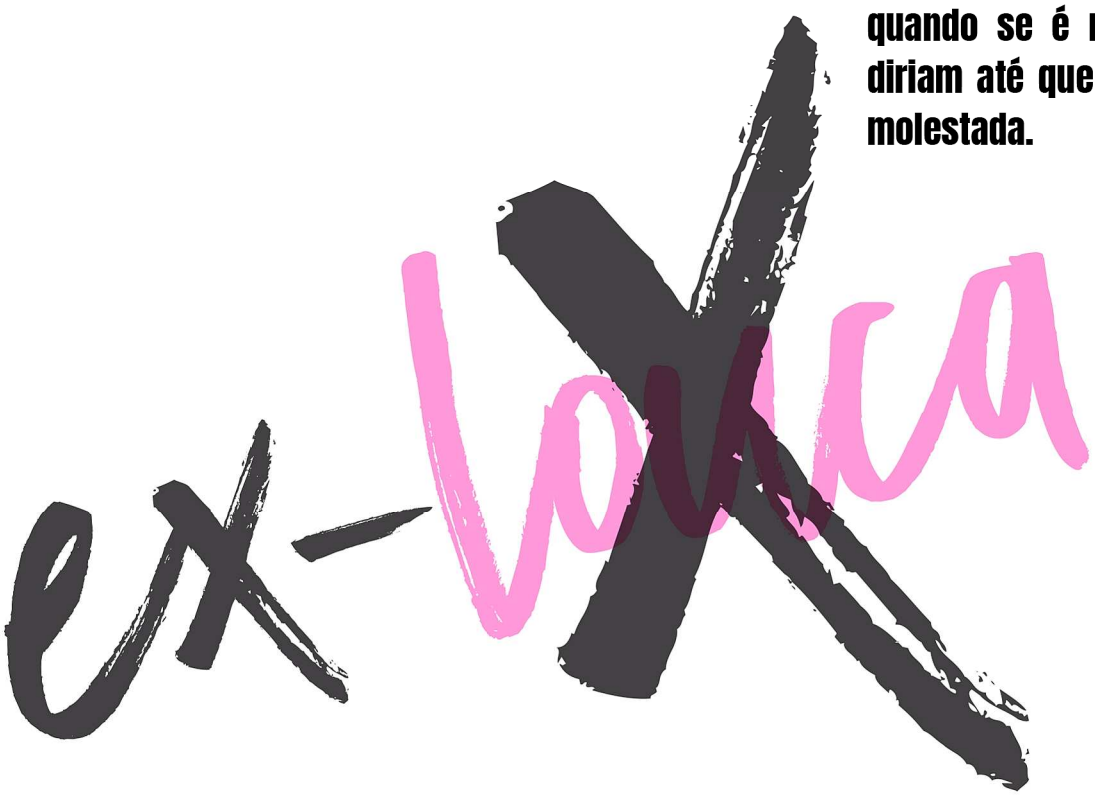
Arte: Mandi Moreira

Recomeço — - Niara Rocha

Era sábado. A manhã do segundo dia de abril em breve iria clarear e ela andava pelo centro da cidade. Era um bom horário para ficar à vontade na rua, sem ser vista. Pois temia que se a vissem em suas formas mais autênticas a achassem louca.

– Ex-louca! corrigiu, divertida.

A ela agradava visitar sozinha os lugares arborizados e ermos, mas evitava por ser uma atitude perigosa. Mais perigosa quando se é mulher. Alguns diriam até que procurava ser molestada.



Uma brisa levemente fria refrescava seu corpo e seus trajes recém-saídos de festa agitavam-se, embalados pelo vento. O estalar das folhas quebradiças em que pisava no caminho dava-lhe uma sensação gostosa de recompensa, daquelas despretensiosas, que há muito não experimentava.

Sentia tudo, sentia muito. Parou por um momento, fitando ressentida um banco de praça, como quem o reconhece em seu passado. Era um lugar de promessas, de convite a um final feliz. Seria naquele mesmo dia que diria um sonoro sim, não fosse ela finalmente ter entendido que isso lhe tornava o modelo em exposição de um colecionador de mulheres. Sentiu-se enojada diante desse pensamento. Lembrou-se do sonho de Tereza. Agora entendia o que lera há muito tempo. Insegura e raivosa, via em sua mente uma piscina. Como no livro, havia muitas mulheres, mais ou menos vinte, marchando nuas em volta da água[1]. Sentia-se como imaginava que elas se sentiam, um objeto a ser escolhido e validado.

– Quem seria a próxima ex-louca? Perguntava-se, num riso que alguns chamariam de histérico. Era uma pergunta que nunca soube formular, mas que seu contorno a assombrava com frequência, mesmo quando ainda eram um casal.

– Vai ver, eu nem existo, sou coisa da sua cabeça e você está sozinha aqui nesse quarto. Brincou ele numa noite. Ironicamente, hoje ela concorda.

– A pessoa que eu amava existia apenas em minha cabeça, ele é algum outro que manipula minhas fraquezas. Não o conheço. Esgotei toda a minha criatividade na idealização dele e da nossa relação. Constatou, decepcionada. E se deu conta de um incômodo ainda maior:

– Era o esperado, que eu o construísse, que o melhorasse. Até essa carga é depositada em nossas mentes. É preferível isso a responsabilizarem-se pelos ppróprios atos ou agirem como adultos funcionais. Antes que possamos entender alguma coisa, todo o entorno já nos têm preparadas para o desfile. Nos atiram vergonha e culpa de ser quem somos. Com isso, reprimem nossa intuição, escondendo junto com ela os sinais das mentiras e das coisas não ditas. Destroem a nossa autoestima, levando-nos a achar que merecemos ser tratadas dessa maneira. Questionam a sanidade das que ousam pensar com a própria cabeça. Dividem-nos, ocupam-nos de competir e, rivalizando umas com as outras, perdemos a empatia e nos enfraquecemos como grupo. Nos resta marchar. Esse é o preço de se adequar. Acostumamo-nos a agradecer por sermos suportadas. acreditando poder tapar os pensamentos. E lamentou, com os olhos marejados, mirando o banco:

– Aqui não me cabe! É pouco pra mim. Queria poder me esticar, me expandir...

CONTINUA

[1] Alusão ao livro A Insustentável Leveza do Ser, de Milan Kundera.

Não sei se é visível pra você que nos lê, mas por trás desse lamento apareceu uma pontinha de alívio. Ela notou. Foi isso que lhe deu coragem.

Respirou fundo e ali sentou-se, novamente, dessa vez sem ele. Seus olhos se movimentavam rapidamente, relembrando cenas de um passado recente e que agora parecia ter sido em outra vida. Sentiu a dor e o barulho agudos do estilhaçar no seu peito. E comprimiu-se toda, tentando conter a torrente de lágrimas que veio em seguida. Abraçou-se então e chorou soluçante, embalando-se até se cansar. Com olhar desconsolado deixou-se ficar ali mais um tempo. Foi despertada de seu torpor pelo sol que nascia revigorado, distribuindo recomeços para quem tivesse olhos para vê-los. Era hora de ir.

Mas, antes, tirou as sandálias e pisou descalça na terra. Aterrou os pés no chão, junto ao tronco de uma velha sibipiruna, por quem sentia muita afinidade. Pediu licença e abraçou-a, tocando-lhe com as palmas das mãos.

– Hoje eu acolho, celebro e recomeço! Disse à árvore, resoluta.

Sentiu-se compreendida. Em suas veias humanas agora pareciam correr a seiva daquela vida, que transmuta suas energias adoecidas em força criadora, em libido, no seu sentido mais original. Sentiu-se grande como a árvore. Agradeceu mentalmente e olhou uma última vez aquele banco. De seus lábios (e de seu coração) saíram apenas mais duas palavras:

– Foi livramento!

Sentiu-se capaz de recomeçar.

Não direi o nome dela. Penso que poderão reconhecê-la em seus próprios nomes.

eu venho dos pomares
do rio
do fogo
da terra
e da glória
dos ares
do riacho
dos encontros e desencontros
no outono e no inverno
no inferno
no céu
afim de te encontrar
pra chamar de meu
aquilo que nunca me pertenceu

Mariana Portinari

CONTO

Amor a 7 palmos—

Louise Zin

A temperatura da terra era um quente agradável, nada muito abafado, nem muito frio. Enquanto lá em cima os ventos eram fortes o suficiente para tirar das árvores folhas que já estavam penduradas por muito tempo. Por incrível que pareça, eu conseguia sentir as folhas que caiam, mesmo aqui de baixo, pareciam uma delicada garoa.

Aqui era escuro, um escuro acolhedor e calmo. Algo me diz que essa sensação deve mudar de acordo com cada pessoa, mas para mim era acolhedor, pois era nesse escuro, cercado por essa terra, vestido por estes vermes que eu te encontraria.

Nosso relacionamento nunca pôde acontecer, eu era novo demais, idiota demais, me preocupava com o que a minha família iria pensar, o que os outros iriam pensar. Nossos abraços e carinhos, nossos beijos e amores, dos quais eu tanto gostava, eram apenas um segredo.

Começamos apenas como amigos, e tudo se tornou mais. Cada momento com você era mais importante, mais feliz, mais especial, mais gostoso. Sem você eu nunca teria descoberto quem eu era, muito menos o que poderia ser o amor, quem dirá o amor entre dois homens, tão proibido entre tantas crenças.

Quando você se foi não fazia mais sentido dizer para alguém como me sentia, o homem que eu amava havia partido. Você me aceitou quando eu não me aceitava, e quis ficar ao meu lado mesmo quando eu não sabia se queria ser visto ao seu. Um coração tão grande e gentil, como pôde falhar? Eu não tinha mais nada para fazer, a não ser esperar que fosse levado cedo, assim como você.

E a sorte sorriu a meu favor. Não da mesma forma, meu coração continuou bem, mas uma pessoa embriagada me acertou, mas foi sorte. Hoje estou aqui, a sete palmos da terra, esperando ansiosamente que minha forma sólida seja desfeita o mais rápido possível, desejando que os insetos, larvas e tudo que passe pelo meu corpo tenha passado pelo teu, para sentir seu toque mais uma vez.

Quem sabe um pedaço nosso possa se encontrar novamente? Não me importo mais em como, apenas me importo em estar com você. A cada momento que me desfaço penso em você, e como, de alguma forma, estamos nos unindo, neste solo, nestes animais, nos gases, em todos os elementos.

Eu nunca perdi a esperança, enquanto minha essência pouco a pouco se dissipava por entre todos os elementos, na barriga de uma pequena larva nossos restos finalmente se encontraram. Não sei se foi o destino, ou se foi simplesmente a imensidão do nosso amor que fez com que nossos lábios se tocassem novamente. Naquele momento, era apenas um pequeno pedacinho, encontrando outro pedacinho seu, mas me senti mais completo do que nunca.

Louise Zin

Resenha desFrutada

Poliamar: Versos de navegação

Por Luciana Andradito

Mergulhei em "Poliamar: Versos de navegação", com aquela sensação de saudade à beira-mar. Mandi Moreira faz sua estreia nesta obra que abraça várias formas de amar e amores, tendo na figura do mar o eu lírico feminino. O livro é organizado em "Poliamar", "Criaturas Mundanas" e "Alto Mar".

"Poliamar" abarca os dois primeiros capítulos. "Rio e tempestade" é atravessado pelas águas dos relacionamentos, cada uma ondula seus diferentes movimentos, características, profundidades e níveis doce e salso. "Sereia e peixe" é a redescoberta do ser mar, do aprender a se amar e dos seres marítimos que e A segunda parte "Criaturas mundanas" inclui três capítulos. "Luiza" é sobre se perder, transmutar e ressignificar revirando fotografias, locais e amores.

Nos poemas "Lugares de (a)mar" acompanhamos o passeio do mar no meio da cidade, enquanto "Vislumbre" relembra um amor antigo. O capítulo "3 luas" apresenta o reconhecimento entre água e criatura, bem como das três faces: a menina, a mulher e a anciã. Mandi fala de empatia, escuta e troca em "Corações sobre a mesa". Redemoinha causando tempestades e tsunamis no mar em "Mulher". "O caminho da tua casa (com nome, mas sem endereço)" encaminha um amor dúbio que se pergunta:

"Por que meu coração insiste
Em tentar te encaixar em algo tão profundo
Quando sei que o teu sentir era raso?"

Foto: divulgação

O quinto capítulo se subdivide em "Felipe", "Marinheiro" e "Banhista". O poema "Cantar-te" abre o coração de forma carinhosa e poética, revelando a partitura das ondas. O mar corteja e se derrama, ao mesmo tempo que alerta em o "Marinheiro" para ter cuidado. A música vai e vem nos poemas, seguindo as intensidades das marés. A calmaria pode habitar um beijo, em "Mergulho em mar calmo". Ao mesmo tempo que embala, o mar também é embalado pelos desejos.

"Alto mar" é a última parte e se desdobra em "Outros (a)mares" e "Autoamar". "Outros (a)mares" carrega questionamentos, fluidos, encontra poesia dentro de uma garrafa lançada as águas e revela outras formas de amar. "Autoamar" encerra como quem quer se espalhar de forma divina, mergulha "Fundo do oceano" da dor e se deixa mudar com as luas. Destaco o poema "Tempo do amor" que modifica sua forma de amar em resposta às condições do clima. E a imersão se confunde na esperança da renovação das águas.

Por fim, gostaria de comentar o projeto gráfico do livro, concebido pela própria autora, Amanda Moreira Ferreira e pela Juliana Lopes, editora e revisora da Maralheios. As ilustrações assinadas por Mandi banham o livro com muita beleza e profundidade, acompanhando seus vários ritmos.

Você pode adquirir "Poliamar" no site mandimoreira.mypixieset.com/livros, no Mercado Black Money ou e-book na Amazon

Luciana Andradito

Carú Montero +

Rita Lee

mãe das mães desfrutadas

Por **Mandi Moreira**

"Pra pedir silêncio eu berro, pra fazer barulho eu mesma faço, ou não?" [1]

O ano era 94 ou 95, e eu tinha poucos anos de vida, um aparelho de som e uma mãe que gostava de Rita Lee e escutava bem alto o álbum "Lança perfume e outras manias".

Essa é uma das lembranças mais remotas da minha infância, daquelas que um som pode te transportar para dentro de uma memória. Ou então, te dar aquela sensação de bem-estar.

Não é senso comum ouvir Rita Lee e pensar sobre mãe e maternidade. Mas é o que ela me faz lembrar. Sobre mães que são fora da curva, que muitas vezes são criticadas. As que são chamadas de Desfrutadas por serem diferentes daquilo que a sociedade espera.

Se a Rita cantava que era a ovelha negra da família, minha mãe se espelhava e mostrava para mim que podemos ser quem queremos ser. Que mãe tem opinião, que mãe se diverte, que mãe escuta música no último volume.

Rita Lee foi uma mulher incrível, uma pessoa que desde de jovem não deixou que ditassem aquilo que ela queria, quis e foi durante a sua vida.

E mais que isso, ela inspirou diversas mulheres, a ser aquilo que elas almejam a vida.

Ela pode ter tido só filhos homens, mas foi mãe de muita mãe desfrutada por aí!

.

Mandi Moreira

[1] Trecho da música "Jardi ns da babilônia" do albúm Lnaça Perfume e outras manias, de Rita Lee.

Resenha desFrutada

Por Jéssica Pereira

Filme: Medusa

Já pensou uma obra que concentre o mais profundo desejo de gritar? Gritar a angústia de quem tem sua voz calada. Gritar a feiura que há num mundo que lhe exige aparências. Gritar a tristeza que repousa no íntimo de quem sofre sozinho. Assim é "Medusa", o longa de Anita Rocha da Silveira e protagonizado por Mari Oliveira.

Em tempo e espaço não definidos, porém, nada distantes de nossa realidade, Mariana (personagem de Mari Oliveira) empenha-se em uma vida dita cristã. É uma profissional dedicada, carinhosa e solícita com a família, dedicada aos afazeres da igreja que frequenta, obstinada na busca por um marido cujos princípios sejam construídos na fé e, finalmente, leal ao seu grupo de amigas que, "preciosas" assim como ela, enfeitam o altar onde apresentam seu coral.

O filme nos brinda a possibilidade de refletir não somente sobre a misoginia presente nas religiões e em nossa sociedade como um todo, como também sobre o conservadorismo que aflora atualmente nas diferentes esferas do cotidiano, seja na política, no âmbito familiar, escolar ou nas discussões sobre gênero. Mariana e as amigas são obcecadas pela história de Melissa (personagem de Bruna Linzmeyer), uma jovem atriz de sua cidade, que obteve reconhecimento pelo seu trabalho, mas também atraiu os olhares julgadores de quem considerava seu comportamento "vulgar e depravado". Segundo o grupo de amigas, Melissa teria sido queimada por uma mulher iluminada, que decidiu lavar os pecados da jovem com fogo. As meninas saem às ruas à noite, escondendo-se atrás de máscaras,

Arte: divulgação

para dar continuidade ao trabalho desse "anjo iluminado" - agridem e humilham mulheres cujos comportamentos fogem de seus padrões, mulheres que vivem sua sexualidade com liberdade, mulheres que fazem ouvir sua voz, com o objetivo de fazê-las admitir seus pecados e aceitar Jesus.

O longa, que une terror e suspense, traz cenas reveladoras da atual sociedade polarizada. Em uma delas, os "Vigilantes de Sião", grupo de meninos da mesma congregação que diz atuar para a defesa da moral e dos bons costumes, espancam jovens que se divertiam em uma festa em meio à floresta, por se comportarem como pessoas do "mundo". Outra cena tocante é quando Michele (personagem de Lara Tremouroux), após tentar gravar um de seus vídeos de "dicas de cuidado e beleza para uma moça cristã", ainda diante da câmera, limpa seu rosto da maquiagem pesada que o cobria, deixando, assim, ver-se o grande hematoma deixado em seu olho após seu namorado, membro da igreja, tê-la agredido.

Cheio de sutilezas e simbolismos, Medusa evolui à medida que os longos cabelos alisados (para o culto) vão mostrando-se crespos e que o grito preso na garganta daquelas mulheres ecoa diante e não obstante as expressões de censura. Contemple a vida dessas mulheres e descubra em qual olhar desesperado, em qual gesto contido se esconde Medusa.

Jéssica Pereira

BIO
GRA
FIAS

desFrutadas desFrutados desFrutades

Mandi

Mandi Moreira, natural de Porto Alegre/RS. É artista visual, arquiteta e escritora, não necessariamente nesta ordem. Na revista A desfrutada é uma das idealizadoras, além de diretora de arte e responsável pelas redes sociais.
Desde pequena se interessa pela Literatura, em especial pela Poesia. E, para além da escrita, trabalha com pintura, fotografia e ilustrações, como busca de autoconhecimento, memória afetiva e resgate da ancestralidade.
ig: @mandhi.e

Ju

Ju Lopse, escritora e uma das idealizadoras e editora da revista virtual A Desfrutada. É musicoterapeuta de formação e escritora por necessidade. Publicou, em 2021, “Novas sobre ela”, e atua como editora independente na Maralheios, editando o livro “Poliamar”, de Mandi Moreira, em 2021. ig: @ju.lopse

Arthur

Arthur Grochocki, desenvolvedor Front-End há mais de dois anos, um dos responsáveis pela criação do site que hospeda e apresenta a Revista Virtual "A Desfrutada". Formado em Administração pela UFPR em 2021 e finalizando (2023) a segunda graduação em Análise De Dados na Estácio. Com projetos desenvolvidos nesses dois anos, ajudei clientes a criar Sites, Landipages e Hotsites.
Contato: digitalbrother0714@gmail.com

Artistas

A revista A desFrutada conta com diversos artistas que se inscreveram ou foram convidados para esta primeira edição. Eles que dão as cores da revista e enriquecem ainda mais as nossas páginas. Confira a bio deles, sigam suas redes e comprem suas artes!

Carú

Carú Montero, 26 anos, trans não-binário, artista independente, ilustrador e designer gráfico. Criou o projeto IlustraCaruzin em 2020. Com o propósito inicial de desabafar sobre as vivências de ser uma pessoa trans, através de artes digitais. O objetivo atual, além do propósito inicial, é trazer representatividade para grupos marginalizados e desprezados pela sociedade num todo, ter trocas e experiências com a comunidade trans e a venda das artes.

ig: @ilustracaruzin

Gabrielly

CGabrielly Paz é uma artista visual, formada pela Universidade de Passo Fundo. Nasceu e cresceu no interior do Rio Grande do Sul. Desde a infância, teve contato com a natureza e a arte, que hoje resultam em grande parte de seu trabalho artístico. Começou a trabalhar como professora de pintura e desenho na Casa Drum Música e Arte, onde atua até 2022 como coordenadora e professora dos cursos relacionados às áreas das artes visuais. Suas pinturas parecem deslizar por um labirinto de sonhos e fantasias.

ig: @gabriellypazart

Íris

Íris Bernardino é uma artista independente, que fala em suas obras sobre representatividade negra. Tem 20 anos, nasceu na cidade de Itaborai- RJ e está no 4° período de Licenciatura em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da UFRJ. Já formada professora, busca se aprimorar com a licenciatura, visando ser uma arte-educadora que permita uma arte menos elitista e mais acessível. Seu objetivo maior é que pessoas pretas passem a ocupar espaços artísticos, sendo pintor(a) ou pintura. ig: @bernardino.iris

Natalia

Natalia Chagas é bióloga e fotógrafa com interesse em propor novos olhares sobre as narrativas e os corpos de mulheres, colocando o corpo como ferramenta política. Assim, criou em 2017, a Nativa, com intuito de auxiliar na manutenção da autoestima utilizando a fotografia como prática terapêutica. Em 2019, o projeto "NArratTIVAS", que vem levando ensaios fotográficos a mulheres em vulnerabilidade social. Em 2019 lançou "Crua", sua primeira exposição fotográfica. Contemplada pelo Foto em Pauta em 2020 na projeção virtual "Por dentro de um tempo suspenso. " ig: @nativaprojeto e @nataliachagasn

Luisa

Luisa Crepaldi é uma ilustradora aquarelista nascida em 1992 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. É estudante de licenciatura pela UFRGS e foi monitora da cadeira de aquarela com as professoras Laura Castilhos e Nara Amélia Melo. Luisa é voluntária na Oficina de criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, criando e ministrando oficinas de arte terapia para internos e a comunidade externa. Em 2018 participou do primeiro Grafite de Giz do Centro Cultural da UFRGS. Em 2022 participou da exposição de abertura da Galeria Experimental do Instituto de Artes da UFRGS. ig: @coral.ilustra

Elis

Salve! Sou Elis Lima, travesti, artista visual. Tenho 29 anos. Resido em Barra Bonita/SP. A arte sempre esteve presente em minha vida desde a infância como expressão criativa, onde eu brincava com as cores e os formatos. Hoje utilizo da arte como retrato da minha transição, do meu estar e do meu sentir. Cada obra é uma parte de mim, até por isso nunca são uniformes ou mantém um único padrão. Estão sempre em transformação. Inconstantes como eu.
ig: @transgressora

Fernanda

Fernanda Sampaio nasceu em São Paulo, em 1996. É mestranda em Letras pela Universidade de São Paulo, onde estuda autoria feminina nas literaturas africanas.
ig: @fefi.sampaio

Autorias

Luan

Luan Michetti tem 24 anos, nasceu e atualmente reside na cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Cursou, sem graduar, Tradução pela UFOP. Publicou em 2022 pela editora Urutau seu primeiro livro, de gênero misto entre de poesia, conto e ensaio, chamado Lidocaína Sabor Laranja. Publica agora A Morte Conforme Conta a Corrente, seu primeiro romance, com editora Mondru.
ig: @michetti_r

Cris

Cristina Vieira é Jornalista, natural de Diamantina MG, tem pós graduação em Gestão Cultural. Poetisa e haikaísta, tem poemas e hai kais publicados nas antologias Vide Verso e Caleidoscópio, ambas da Andross Editora.
ig: @cristininha72

Lidiana

Graduada em musicoterapia, mas com um olhar crítico e profundo sobre literatura, amante da arte e inspirada por ela. Por influência da família, a música foi e é a sua paixão. Apaixonada pelo canto. Porém, desde muito nova escrevia histórias e poemas, como forma de expressar seu sentimentalismo e a sua vida, escolheu da poesia sua terapia. ig:@neveslidiana

Neila

Neila Reis, enfermeira, fisioterapeuta, poetisa, escritora e membro da academia de Letras Bradil/Suíça e Doutora Honoris causa em Literatura pela Feblaca. ig: @neilareiss

Rosane

Rosane Arminda: Curitibana, filha de dois nordestinos do Estado da Bahia, trabalha escrita literária em cordel, tendo seu foco mulheres pretas e a ancestralidade da cultura afro-brasileiras e africana. Educadora, especialista em educação quilombola, literatura brasileira, alfabetização em linguagens, desenvolve na arte brincante dos Griôs a contação de histórias africanas. Faz parte de Centro Cultural de Estudos e Pesquisa Humaitá e é Conselheira Estadual da Cultura do Paraná. Encontrou nas mídias sociais a relação de Educação e interação humana por meio de conteúdos relacionados a práticas, conhecimentos e costumes da cultura afro-religiosa. tiktok:@rosane.pereira

Ybeane

Ybeane Campos Moreira, de Nova Brasília, Município de Ribeirão do largo - Bahia, atualmente residente em Vitória da Conquista, Poetisa, Pedagoga, Assistente social, Mestranda em Educação pela (UESB) Poetisa desde os 14 anos, seus trabalhos buscam externar valores e sentimentos, de forma autentica e intima, tornando além de uma expressão artística, o próprio anseio de quem a escreve. ig: @ybeane

Jéssica

Olá, sou a Jéssica Pereira Desde cedo, me inspiro pelas artes. Quando criança, comecei escrevendo poesias. Depois, me apaixonei pela música, pelo que estudo, quando tenho oportunidade. No início da vida adulta, me tornei professora de Letras, Língua Espanhola, mas a arte continuou pulsando... Para me conhecer melhor, retomei antigos hábitos, como fotografar e escrever, tentando colocar um pouco de mim no mundo..., compartilhando minhas impressões..., tentando sobreviver ao caos que é a vida e tecendo minha história. ig: @preta_sp

Luciana

Luciana Andradito é retratista de instantes, cartógrafa de sentimentos e mediadora cultural. Nordestina nortista, nascida em Fortaleza em 1989, beira o Bico do Papagaio e vive em Araguatins. Formada em Teatro pela Universidade Federal do Tocantins. Integra os coletivos Escreviventes, grupo Lizete e a equipe de poetas do Fazia Poesia. Publicou o livro de poemas Primeira Aparição da Manhã, editora Toma Aí Um Poema, 2022. Participa de antologias e outras publicações. ig: @lucianaandradito

Coletivo Margem

Os coletivos são ótimos espaços para compartilhar experiências, vivenciar atividades coletivas e dar aquela impulsionada na carreira.
E cada edição da revista A desfrutada vai dar espaço e voz para um coletivo. Então se quiser indicar o seu coletivo, mande-nos mensagem!

Anna Carolina

Anna Carolina Ribeiro é formada em letras pela UFSJ. É poeta e autora de "Lua em Escorpião: versos sobre desejos profundos" e "Que essa fala de amor seja um gemido". Seu próximo livro de poesias será lançado em julho pela editora artesanal Arpillera. Além disso, publicou contos em diversas antologias e lançou de forma independente o conto "E as namoradinhas, Guilherme?", disponível na Amazon. Colabora mensalmente com o Valkírias, onde escreve sobre cultura pop e é idealizadora e coordenadora do Coletivo Margem.
ig: @annacaribee

Louise

Louise Zin é jornalista de formação, porém é escritora desde que aprendeu a escrever. Ela constantemente se divide entre os gêneros ficção científica e documentário, tanto em preferência quanto em objeto de estudo. Librianja do mês de outubro, é amante da cor laranja, tetris, bons livros e filmes.
ig: @louisezin

Nayara

Nayara Oliveira, 26 anos, cria do Norte de Minas, de Nova Matrona é atriz, escritora, Psicóloga e se aventura no universo do cinema como diretora, produtora e roteirista. Atualmente participa do coletivo de escritoras Escreviventes e coletivo Margem. Escreveu e dirigiu o espetáculo O que andam lhe vendendo como amor em 2019. Escreveu e dirigiu o curta A vaidade da boca em 2020. Escreveu e dirigiu o espetáculo Tudo aquilo que eu queria dizer em 2021. Em 2023, num trabalho Coletivo, roteirizou e dirigiu o Curta-metragem Sem açúcar. ig; @oliviernayara

Niara

Niara Rocha de Aguiar é mineira, cria Vale do Jequitinhonha. Graduou-se em Filosofia e em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São João del-Rei. É membro do Coletivo Margem e escreve contos, crônicas e poemas conforme a necessidade de organizar em palavras o seu turbilhão de pensamentos. ig: @flor.delotus21

Maria Gabriela

Maria Gabriela Cardoso, 25 anos, gaúcha atualmente morando no litoral de Santa Catarina. Vegetariana, amante das plantas, animais e livros. Membro do Coletivo Escreviventes e idealizadora do Coletivo Escribas. Escreveu seu primeiro conto "Ela Era Eu" aos quinze anos, mas só passou a pensar na possibilidade de ser escritora aos dezenove anos após ler a biografia de Clarice Lispector. Aos vinte e um anos, passou de fato a se dedicar profissionalmente à escrita, tornando essa, a sua profissão. ig: @luapinkhasovna

Mariana

Mariana Portinari é natural de São Paulo, tem formação em Design Gráfico e é apaixonada por literatura desde pequena, onde já ganhou menções honrosas e fez uma participação em um livro coletivo pela editora Mandala. Ama poesia e aprende a resignificar a sua dor através dela. Seus escritores preferidos são: Hilda Hilst, Leminski e Tatiana Eskenazi. ig; @marianaportinari

EXPEDIENTE

a desFrutada

E-MAIL: revistaadesfrutada@gmail.com
ig: @adesfrutada

PRODUÇÃO
EDITORA MARALHEIOS (maralheios@gmail.com)
ig: @maralheios

ORGANIZAÇÃO
Ju Lopse Redação
Mandi Moreira Arte

TEXTOS
Anna Carolina Ribeiro, Cris Vieira, Fernanda Sampaio, Luan Michetti, Jéssica Pereira, Ju Lopse, Lidiana Neves, Louise Zin, Luciana Andradito, Mandi Moreira, Maria Gabriela Cardoso, Mariana Portinari, Nayara Oliveira, Neila Reis, Niara Rocha, Rosane Arminda Pereira, Ybeane Moreira

ARTES
Carú Montero, Elis Lima, Fernanda Sampaio, Gabrielly Paz, Íris Bernardino, Luisa Crepaldi, Mandi Moreira, Mariana Portinari, Natalia Chagas

ARTE DA CAPA
Carú Montero

EDITORAÇÃO
PROJETO E EDITORIA DE ARTE: Mandi Moreira
EDITORIA E REVISÃO FINAL: Ju Lopse
CONSULTORIA EDITORIAL: Anderson Huber
SITE E T.I.: Arthur Grochocki

@ilustracaruzin
Bad Born

Produção
Editora Maralheios
@maralheios